

## Nélida Piñon no campo literário brasileiro em 1969

M. Carmen Villarino Pardo

### **Fundador:** o prestígio de um prêmio para uma obra de Nélida Piñon

O panorama do sistema literário brasileiro pós-AI-5 mostra-nos um mercado editorial com um número importante de publicações estrangeiras, muitas delas de tipo erótico, “tudo oferecido com condimentos leves e digestivos”<sup>1</sup>. São momentos em que no campo literário brasileiro encontramos, em posições de destaque, produtores que já tinham publicado alguma obra nos anos anteriores (entre eles, Lygia Fagundes Telles, Dalton Trevisan, Autran Dourado, Osman Lins, José J. Veiga, Murilo Rubião, Rubem Fonseca etc.), e em que os novos autores e autoras têm problemas para se incorporarem<sup>2</sup>. É um momento de certo estancamento em termos culturais, porque várias medidas de caráter político estão orientadas a asfixiar boa parte da produção cultural e literária.

Nessa altura, a jovem escritora Nélida Piñon anuncia – através de notícias na imprensa – que tem vários livros preparados, e que procura uma editora para lançar o seu *Primogênito dos mortos*, que finalmente virá à luz em 1969 com o título de *Fundador*.

O ano de 1969 é um momento destacado na trajetória literária da autora carioca, pois, pela primeira vez uma obra sua, *Fundador*, recebe um prêmio. Com esse romance – o seu quarto livro – Nélida Piñon é distinguida com uma Menção Especial do Prêmio Walmap 69<sup>3</sup>. O Walmap era um prêmio prestigiado, que promovia o jornal *O Globo*, e contava com o patrocínio de José Luís de Magalhães Lins, do Banco Nacional de Minas Gerais.

<sup>1</sup> Pellegrini, *Gavetas vazias*, p. 65.

<sup>2</sup> As possibilidades de um novo autor ou autora surgir no Brasil eram mínimas (situação que se agrava no período posterior ao estabelecimento do AI-5), enquanto o (pequeno) mercado nacional se nutria de traduções, daqueles “outros livros que são todos iguais, tão maus ou piores dos nacionais e que, por serem estrangeiros, as editoras publicam” (Santarrita, “Escritor novo igual a zero”).

<sup>3</sup> Trata-se de uma das várias menções especiais, como também aconteceu com os livros *Os sete tempos*, M. Hilda Xavier Gouveia; *Pele contra pele*, Myrtes Campelo; *Estradas do Tempo-Foi*, Lindanor Celina; *O Evangelho da incerteza*, Wanda Fabian; *Morto morrendo*, Lorem Falcão; e *As seis pontas da estrêla*, de Zevi Gnivelder.

Dos premiados no Walmap de 1969 destaca-se, sobretudo, a importante presença de autoras: da totalidade dos onze prêmios concedidos, cinco foram ganhos por mulheres, das quais só duas eram escritoras um pouco conhecidas naquela altura (Nélida Piñon e Wanda Fabian). A repercussão desta distinção favoreceu bastante a divulgação dos nomes dos produtores e das obras, de modo que, nos meses a seguir, foi possível ver nas listas dos mais vendidos (ou de entre os mais solicitados) o livro de S. Viotti e o de Nélida Piñon, entre outros; para além de que, a partir desse momento, a apresentação da autora carioca vai incluir necessariamente uma menção destacada para este prêmio<sup>4</sup>.

Nélida Piñon conseguiu publicar o seu *Fundador* no final desse ano de 1969 na mesma casa editorial que lançou o seu livro anterior – em 1966 –, a José Álvaro<sup>5</sup>. Com uma capa também sugestiva – como no caso de *Tempo das frutas* –, desta vez a encarregada de escrever a apresentação no livro foi Eliane Zagury.

As ideias que ela lança nessa apresentação veremos, como outras, repetidas várias vezes nas notícias dos jornais que divulgam e resenham o novo romance nelidiano.

## Lançamento e promoção

Assim, por exemplo, no dia 20 desse mesmo mês, no *Jornal do Brasil*, um grupo de nove “personalidades da vida literária nacional”<sup>6</sup> apontaram, entre os romances mais destacados dos editados em 1969, *Tenda dos milagres*, de Jorge Amado, *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, de Clarice Lispector, e *Fundador*, de Nélida Piñon<sup>7</sup>. Se não podemos esquecer quais foram as pessoas que opinaram nesse inquérito (por serem escolhidas como personalidades

<sup>4</sup> Dando por vezes a impressão de que foi ela a única vencedora, de tal modo os resenhadores na imprensa e as notícias sobre ela aparecidas o mencionam.

<sup>5</sup> A editora do Rio de Janeiro – das poucas que arriscava publicar produtores/as novos/as – foi a mesma que nesse ano publicou *O segredo do elefante*, de Terezinha Russo – romance lançado graças ao financiamento do Instituto Nacional do Livro a autores jovens –, ou o livro de contos *Desamérica*, do jovem autor Fernando Fortes, entre outros. Tanto esses dois como o da autora de *Fundador* foram selecionados como alguns dos melhores livros de 1969 (Assis Brasil, “Balanço literário 1969”, pp. 4-6).

<sup>6</sup> Maria Alice Barroso, Valdemar Cavalcânti, Eduardo Portella, José Condé, Autran Dourado, Eliane Zagury, Nélida Piñon, Esdras do Nascimento e Otávio de Faria. O fato de Nélida Piñon aparecer nessa “categoria” significa um maior apoio à sua obra e uma maior legitimação da sua posição no campo literário brasileiro (S/A., “Escritores apontam os melhores livros de 1969”).

<sup>7</sup> Nas outras categorias literárias, aparecem os seguintes livros: – conto: *Lúcia McCartney*, de Rubem Fonseca; *Mundinha Panchico e o Resto do Pessôal*, de Juarez Barroso; – poesia: *Reunião*, de Carlos Drummond de Andrade; – ensaio: *Guerra sem testemunhas*, de Osman Lins; *O Rio antigo dos anúncios de jornais*, de Delso Renault; – tradução: *Cem anos de solidão*, que recebeu a maioria dos votos.

destacadas, e por conhecerem muito bem algumas delas a obra de Piñon), também não devemos deixar de parte os comentários que alguns fizeram sobre a *safrá literária* de 1969. A tradutora de *Cem anos de solidão*, Eliane Zagury, comentou da obra nelidiana: “êsse romance é importante porque leva o leitor brasileiro a sair do bitolamento em que se encontra e aceitar a liberdade da composição”<sup>8</sup>. O escritor Otávio de Faria (um dos membros da comissão julgadora do Walmap 1969, com Antônio Olinto e Guilherme Figueiredo) aproveitou a ocasião para destacar dois fatos na produção literária desse ano: “De um lado, no terreno do romance, a preponderância do elemento feminino, de outro, no campo da poesia, a supremacia masculina”<sup>9</sup>.

Um livro editado discretamente por José Álvaro editor<sup>10</sup>, bem recebido pela crítica jornalística<sup>11</sup> – e que, para alguns, “foi a confirmação. Diante dêle todas as dúvidas caíram por terra”<sup>12</sup> –, após uma antologia de contos, *Tempo das frutas* já significara uma tomada de posição que trouxe maior visibilidade para a autora no seu assentamento no campo literário brasileiro; depois de ter os dois primeiros romances publicados pelas Edições GRD. O editor Gumerindo Rocha Dórea (GRD), como sabemos, foi uma figura singular dentro do panorama brasileiro, deu oportunidade aos novos produtores literários (alguns deles com propostas estéticas vanguardistas) e “lançou nomes hoje famosos, ou pelo menos institucionalizados”<sup>13</sup>. Ao contrário daquilo que caberia esperar, as grandes editoras (José Olympio, Martins, Globo...) praticamente só trabalhavam com produtores consagrados no campo literário brasileiro, apesar de terem meios para apostar nos novos (com o acréscimo do dado de que algumas, como a José Olympio mesmo, tinham acordos de colaboração com o Instituto Nacional do Livro-INL). Outras, também com uma sólida implantação no setor editorial, como a Nova Fronteira, presumiam ser “nacionalistas” e podemos mesmo dizer que de certo modo o eram, mas também resistiam a lançar autores estreantes e limitavam-se a lançar produtores consagrados ou pelo menos editados já antes com algum sucesso por outras editoras. Foi, porém, a pequena editora, sem infraestrutura adequada, que se

<sup>8</sup> S/A., “Escritores apontam os melhores livros de 1969”.

<sup>9</sup> S/A., “Escritores apontam os melhores livros de 1969”.

<sup>10</sup> E, segundo o crítico Walmir Ayala, “um dos livros graficamente mais bonitos lançados até hoje pela Editora José Álvaro” (resenha de *Fundador* publicada em 1970, s/l).

<sup>11</sup> *Desfile*, Fevereiro 1970; *A Tarde*, Salvador, 1<sup>o</sup> ago. 1970; *O Estado de S. Paulo*, 09 jun. 1973.

<sup>12</sup> *Correio da Manhã*, 4 dez. 1971. E, numa linha similar, *Visão*, 17 jan. 1970; Wilson Nunes Coutinho, *Gil*, 18 jan. 1970.

<sup>13</sup> Santarrita, “Escritor novo igual a zero”.

aventurou naqueles anos a lançar autores como Nélide Piñon, Maria Alice Barroso (que chegou a ser Diretora do INL no início da década de 1970) ou Rubem Fonseca; um risco que no caso das Edições GRD saiu bem, mas que outras não superaram (Olivé, Simões, Leitura e José Álvaro).

Na opinião da professora e crítica Nelly Novaes Coelho (1993), trata-se de um romance em que o tempo narrativo não tem medidas claras nem o espaço limites facilmente reconhecíveis, em que o caráter épico da própria condição humana se faz evidente em personagens reais (Camilo Torres, Fidel Castro) e fictícias, “que oscilam entre a realidade ficcional de cariz mítico e a realidade histórica latino-americana”<sup>14</sup>. Mas Coelho vai além, e comenta que a autora está “sintonizada com o tónus épico que marca o espírito de sua geração (a de 60)” – escolhendo, portanto, materiais repertoriais priorizados também por agentes do mercado internacional, europeus e norte-americanos.

Se lançarmos um olhar retrospectivo no conjunto da obra nelidiana até *Fundador*, podemos concordar com Naomi Oki Moniz<sup>15</sup> em que aos primeiros livros de Nélide Piñon, que serviram um pouco como fase de aprendizagem (e talvez, mais ousadas na nossa proposta, como um *bildungsroman* do conjunto da sua própria obra<sup>16</sup>), ou, como essa professora denomina de “fome do eu” (tão estendida ao longo da década de 1970 no panorama literário brasileiro), seguiram-se outros em que “essa ‘fome do eu’ passa a ser substituída pela ‘fome do mundo’, numa linguagem mais épica, ou seja, uma literatura que se remete para o mundo exterior”<sup>17</sup>. *Tempo das frutas* marcaria o momento da trajetória da autora em que começa a afastar-se desse olhar que girava em torno de si mesma e das suas palavras, e, cada vez mais, adota outras tomadas de posição em que “ela se coloca diante de um mundo: o mundo e ela se olham e travam o diálogo”<sup>18</sup>. O caminho aberto pela seleção de materiais repertoriais feita nessa antologia de contos re-aparece em *Fundador* e continuará noutros livros seus, com especial destaque para *A casa da paixão*, em que, de algum modo, esse diálogo (e a re-utilização de alguns desses materiais) permite a aproximação de um maior número de leitores à novela.

<sup>14</sup> Coelho, *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*, p. 75.

<sup>15</sup> Moniz, *As viagens de Nélide, a escritora*, p. 95.

<sup>16</sup> Numa leitura metafórica, que não tem a ver com o texto de Cristina Ferreira Pinto, “Escrita, auto-representação e realidade social no romance feminino latinoamericano”.

<sup>17</sup> *Id.*

<sup>18</sup> Vieira, *Minas Gerais*.

Também Sérgio Sant’Anna (que anos mais tarde, sendo editor e escritor de sucesso, afirmou que não queria relações com autores que vendessem menos de 5000 exemplares das suas obras)<sup>19</sup> coincide nesse problema, e afirma que se trata de “um livro que dificilmente encontrará leitores, porque se torna extenuante tanto misticismo. Misticismo existencial e literário”<sup>20</sup>.

Ou talvez alguém possa dizer que, como indica Eliane Zagury na apresentação do livro<sup>21</sup>, “*Fundador* pode ser chamado de nova trilha na vida artística e criativa de Nélida Piñon engajada nesta nova maneira de ver o Mundo pelo grande periscópio que é a literatura”.

### **Nélida Piñon entra na instituição universitária: o Laboratório de Criação Literária**

Procurando desenvolver o talento e as habilidades dos seus alunos e alunas<sup>22</sup>, e mostrando para eles o ofício de escritora com uma aproximação a textos de criação literária (a que tinham pouco acesso por dominarem nos cursos de Letras os textos de tipo teórico), Nélida Piñon declara à sua amiga<sup>23</sup> Clarice Lispector<sup>24</sup> que “o laboratório pretende tão somente [sic] queimar etapas, lidar com técnicas dominantes na ficção contemporânea, sem mutilar, porém, o espírito criador do aluno”. Aproveitando o espaço do Laboratório, Nélida convidou também outros produtores literários para que fossem conversar com os alunos sobre o processo de criação, a partir da perspectiva de cada um deles.

<sup>19</sup> Impondo, assim, como critério de “selecção” o “*príncipe de hiérarchisation externe*”, de que fala Bourdieu (“*Le champ littéraire*”, p. 7).

<sup>20</sup> Sant’Anna, *Minas Gerais*.

<sup>21</sup> Fontes, *A Tarde*.

<sup>22</sup> Mas reconhecendo que “não se pode introduzir talento onde prevalecem as areias do deserto” (S/A., “Linha de passe”).

<sup>23</sup> Além da admiração de Piñon por Lispector, com quem fora inúmeras vezes comparada (sobretudo nos inícios da sua carreira), unia-as uma amizade que foi aumentando com os anos, até o momento da morte da escritora de *Perto do coração selvagem*.

<sup>24</sup> Clarice Lispector, “Um laboratório de criatividade”. Elas eram duas das mulheres destacadas em 1969, Clarice Lispector com o “Golfinho de Ouro” (um prêmio muito prestigioso no campo literário e no campo cultural brasileiros) pelo conjunto da sua obra, Nélida Piñon com o *Walmap* e um certo reconhecimento da crítica: S/A., “Mulheres destaque 69”, entre outros nomes também selecionados: a fotógrafa Lígia Clark, a professora e tradutora Eliane Zagury, a atriz Débora Duarte, a cantora Gal Costa etc. O que significava que Nélida Piñon adquiria uma dimensão pública e social que, até esse momento, desconhecia, apesar de ter iniciado um “convívio” com a imprensa através da sua posição de escritora-intelectual, que tinha divulgado a sua figura entre um público mais amplo e diverso do que aquele que constituíam os leitores das suas obras.

## **Beatas do Nojo:** a posição periférica de Nélide Piñon no campo teatral

Esse ciclo de leituras, intitulado “Dramaturgia brasileira hoje”, reuniu um público interessado que se encontrava nas terças-feiras para conhecer textos inéditos de autores nacionais. A iniciativa contou com a colaboração da imprensa, que divulgou amplamente o evento<sup>25</sup>. Sobre essa experiência teatral, a autora de *Fundador* comentou em 1972<sup>26</sup> que “o teatro não é o seu”, e que se alguma coisa domina é a ficção. Apesar de repetir que gosta imensamente do teatro, desde criança, duvida voltar a repetir a experiência como dramaturga, porque, em nossa opinião, percebeu que o “rendimento” que lhe dá é escasso e que, como dramaturga, não consegue atingir uma posição central no sistema literário brasileiro nem legitimar a posição que, com outras tomadas de posição, tinha conseguido.

## **Fundador** na trajetória de Nélide Piñon na década de 1970

Depois de ver publicada a sua novela *A casa da paixão* pela editora Sabiá, em 1972, e de conseguir com ela o Prêmio da APCA, Nélide Piñon publica, em 1973, uma nova antologia de contos, *Sala de armas*, e vê a primeira tradução de uma obra completa sua para uma língua estrangeira<sup>27</sup>. Trata-se da tradução de *Fundador* para a editora Emecé (uma das editoras argentinas mais prestigiosas, que publicava as obras de Borges)<sup>28</sup>, feita por Ida Vitale. O lançamento dessa obra em terras argentinas foi registrado por diferentes meios

<sup>25</sup> Entre outros, *O Globo*, *Correio da Manhã* (29 nov. 1969), *Diário de Notícias* (3 dez. 1969), *Última Hora* (6 dez. 1969) e o *Jornal do Brasil* (7 dez. 1969).

<sup>26</sup> Fontes, *Jornal de Letras*.

<sup>27</sup> Apesar de alguns contos seus já terem sido publicados em revistas latino-americanas (nomeadamente argentinas), e mesmo nos Estados Unidos, além de alguns contos também traduzidos, um trecho de *A Casa da Paixão* aparecera numa antologia de escritores brasileiros publicada pela editora Alfred Knopf (um editor profissional, “amigo de brasileiros” – cf. Assis Brasil, *Escrita*, p. 13), com organização de Emir Rodrigues Monegal, como informa *O Estado de S. Paulo*, no dia 10 maio 1972. Nessa altura também se comenta que tem várias editoras do México e da Venezuela e uma italiana (Mondadori), que entraram em contato com a sua agente Carmen Balcells, e que *Fundador* já estava sendo traduzido para o inglês pelo professor Gregory Rabassa, e que possivelmente sairia pela editora E. P. Dutton. Finalmente, nom se confirmou essa tradução, e sim para o polonês em 1977: *Zalozyciel*. Trad. de Janina Z. Clave. Cracóvia: Wydawnictwo Literackie.

<sup>28</sup> O crítico Sérgio Fonta mesmo indica que “a Emecé é considerada uma das mais importantes editoras da América Latina e só edita gente que tenha realmente algo a dizer” (*Jornal de Ipanema*, jul. 1973); um artigo em que, com exclusividade, publica no Brasil uma fotografia da capa com que saiu a edição argentina de *Fundador*. Admirador da obra de Nélide Piñon, ele acompanha durante vários anos a sua carreira com interesse e converte-se, em parte, num crítico homólogo.

de comunicação do país, os quais, além de apresentar Nélida Piñon como escritora destacada nas novas correntes narrativas brasileiras, e de divulgar aspectos das suas obras, destacam o fato de que este é o seu primeiro livro traduzido “entre nosotros”<sup>29</sup>. E, segundo nos informa o *Jornal de Brasília*, na sua publicação de 29 de maio de 1973, essa tradução de *Fundador* “está alcançando excelente sucesso de público e de crítica”<sup>30</sup>.

Sem “pretender disputar o mercado de *best-sellers*”, a editora apostara por introduzir entre os (escassos) hábitos de leitura do público brasileiro o dos livros de bolso, ainda pouco presentes no seu mercado editorial. O projeto concretizou-se com o lançamento de cinco livros, “todos com ótimas capas de Sílvia Roesler”<sup>31</sup>: *Nem preto nem branco*, de Carl N. Degrel; *26 poetas hoje*, organizado por H. Buarque de Hollanda; *Armadilha para Lamartine*, de Carlos & Carlos Sussekind; *Gargalhada no escuro*, de Vladimir Nabokov; e *Fundador* (2ª edição revista), de Nélida Piñon.

Se o lançamento da antologia organizada por Heloísa Buarque de Hollanda é enormemente significativo, também a re-edição da obra de Nélida Piñon foi importante, porque se tratava de voltar a ter nas livrarias um texto publicado em 1969 “que tivera uma distribuição mínima e que havia tempo precisava de uma nova edição”<sup>32</sup>; considerado como “um volume cheio de chaves simbólicas e ainda carecedor de atenção maior da crítica nacional”<sup>33</sup>.

No caso de Nélida Piñon, esses encontros contribuíram para encontrarmos novas tomadas de posição da autora de *Fundador*, que, aos poucos, converte-se numa intelectual prestigiada cujo capital simbólico se estende também fora do campo literário e que critica determinadas estratégias que contribuem para os processos de canonização. No número experimental da revista *Juventude Hoje*, publicada pela Editora Cultura e Comunicação em 1975, Nélida Piñon queixa-se, por exemplo, de que “o ensino de 2º grau deveria valorizar mais os autores nacionais”. Ela critica que se conhecem melhor, e mesmo se mitifiquem, os escritores estrangeiros do que autores nacionais. E indica:

<sup>29</sup> *La Nación*, Buenos Aires, 20 maio 1973; *Siete días ilustrados*, Buenos Aires, 9 jul. 1973, onde é apresentada como “una de las mayores narradoras del Brasil contemporáneo”.

<sup>30</sup> Vide também *O Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Politika* e o *Correio do Povo*, entre outros, de abr.-il.-maio de 1973.

<sup>31</sup> S/A., “Cinco bons livros de bolso”.

<sup>32</sup> S/A., *Jornal do Comércio*.

<sup>33</sup> Millarch, *Estado do Paraná*.

o professor não se arrisca a fugir da orientação oficial. É difícil modificar os autores deste circuito. O poder literário determina quem deve circular e atua com muita eficiência no mercado de professores, vendendo os autores consagrados em suas editoras (...). São eleitos livros destituídos de perigo aparente, que não estejam suscitando debates. Ninguém quer se arriscar com autor que ainda está sendo avaliado, cuja rebeldia ainda está sendo apurada.

A intelectual Nélide Piñon ainda ocupava posições autônomas no campo literário brasileiro...

### Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Paulo César de. “Prêmio literário não tem valor para editôras”. *Jornal do Brasil*, Suplemento do Livro. Rio de Janeiro, 20 set. 1969.
- ASSIS BRASIL. “Balanço literário 1969”. *Jornal do Escritor*, dez. 1969, pp. 4-6. \_\_\_\_\_ . *Escrita*, n.º. 1, ano 1. 1975, p. 13.
- BOURDIEU, Pierre. “Le champ littéraire”. *Actes de la Recherche* 89, Sept. 1991, pp. 4-46.
- COELHO, Nelly Novaes. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.
- FERREIRA-PINTO, Cristina. “Escrita, auto-representação e realidade social no romance feminino latinoamericano”. *Revista de Crítica Literária Latino-americana*, n.º. 45, 1.º. sem. 1997, pp. 81-95.
- FONTES, Sérgio. *Jornal de Letras*, maio 1972.
- FONTES, Oleone Coelho. *A Tarde*, Salvador, 1.º. ago. 1970. \_\_\_\_\_ . *A Tarde*. Salvador, 22 ago. 1970.
- LISPECTOR, Clarice. “Um laboratório de criatividade”, *Jornal do Brasil*. Caderno B, 1.º. nov. 1969.
- MILLARCH, Aramis. *Estado do Paraná*, 1973.
- MONIZ, Naomi Hoki. *As viagens de Nélide, a escritora*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- OLINTO, Antônio. “Porta de livraria”. *O Globo*, 11 dez. 1969.
- PARAÍSO, Bruno. *Correio da Manhã*, 4 dez. 1971.
- PELEGRINI, Tânia. *Gavetas vazias: ficção e política nos anos 70*. São Carlos: EDUFSCar/Mercado de Letras, 1996.
- PIÑON, Nélide. *Fundador*. Apresentação de Eliane Zagury. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1969.
- SANTARRITA, Marcos. “Escritor novo igual a zero”, s/1, 1970.
- SANT’ANNA, Sérgio. *Minas Gerais*, 18 nov. 1972.

S/A. “Linha de passe”, *O Jornal*, jun. 1969.

\_\_\_\_\_. “Escritores apontam os melhores livros de 1969”, *Jornal do Brasil*, 20/12/1969.

\_\_\_\_\_. “Mulheres destaque 69”, *Correio da Manhã*, 28-29/12/1969.

\_\_\_\_\_. *Jornal do Comércio*, 9/5/1974.

\_\_\_\_\_. *Juventude Hoje*, nº. 1, 1975.

\_\_\_\_\_. “Cinco bons livros de bolso”. *Jornal de Ipanema*, jul. 1976.

VIEIRA, Luís Gonzaga. *Minas Gerais*, Suplemento Literário, 18 nov. 1972.

VILLARINO PARDO, M. Carmen. “Encontros de escritores brasileiros nos finais da década de 1970: um mecanismo de institucionalização e de mercado”. *Revista de Estudos de Literatura Brasileira*, nº.23. Brasília, jan.-jun. 2004, pp. 151-68.

Recebido em março de 2009.

Aprovado para publicação em maio de 2009.

## resumo/abstract

### Nélida Piñon no campo literário brasileiro em 1969

M. Carmen Villarino Pardo

Análise da posição que ocupa a escritora Nélida Piñon no campo literário brasileiro há quarenta anos, na altura da publicação de *Fundador*, o primeiro livro da sua autoria que recebeu um prêmio.

**Palavras-chave:** campo literário, Brasil, Nélida Piñon

### Nélida Piñon in the Brazilian literary field at 1969

This paper analyzes the position occupied by Nélida Piñon in the Brazilian literary field in 1969, by the time she published her first awarded book, *Fundador*.

**Keywords:** literary field, Brazil, Nélida Piñon

---

M. Carmen Villarino Pardo – “Nélida Piñon no campo literário brasileiro em 1969”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº. 34. Brasília, julho-dezembro de 2009, pp. 147-155.